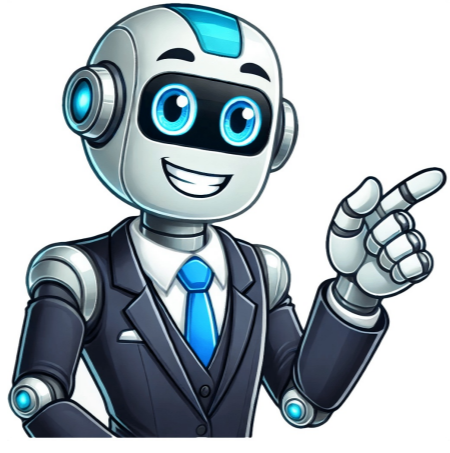


Click to verify



Quarto de empregada arquitetura

© José Afonso Junior, via projeto "Suitemaster e Quarto de Empregada"O cômodo feito para os trabalhadores "descansarem", como é dito no discurso atual em que se tenta camuflar a origem e o significado do conhecido "quarto de serviço", "quartinho de empregada" ou "quartinho da baguena" que normalmente é encontrado próximo a áreas de trabalho da morada contemporânea, tem um significado histórico, cultural, social e econômico dentro do contexto atual que pouco é questionado.Se traçarmos uma linha do tempo deste ambiente chegaremos à sua primeira materialização no Brasil na época da colônia e império — as chamadas senzalas, que nada mais eram o complemento da casa-grande local onde viviam os proprietários dos grandes latifundiários da época. A senzala funcionava como ambiente para "abrigar" os escravos que serviam à casa-grande, e esse ambiente quase sempre se encontrava segregado de alguma forma, seja na parte externa da casa ou em seu porão, com condições de construção, conforto, acabamentos e salubridade inferiores ao da casa-grande. Assim era delimitada essa relação de patrão e servidor que se prolonga até os tempos atuais. Na ilustração de Cícero Dias do Engenho Noruega, localizado em Pernambuco, é possível notar a segregação da senzala (à direita) em relação à casa-grande (à esquerda): esta, por aspectos dimensionais e qualidade construtiva, se mostra hierarquicamente superior:Capa do livro "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre. Ilustração de Cícero Dias. Usado sob termos de "Fair Use"Após a abolição da escravatura e o declínio da monarquia instaurada no Brasil, as cidades começam a crescer exponencialmente e as tecnologias sanitárias a evoluir. As casas-grandes dos engenhos começam a dar lugar às mansões e casarões urbanos naquelas que se tornaram as grandes cidades brasileiras. A senzala deixa de existir e dá lugar à edícula, localizada no fundo do lote, que tinha como finalidade abrigar os prestadores de serviços doméstico, mas que ainda era enraizada nas lógicas segregacionais das casas-grandes dos engenhos.Geralmente a edícula tinha quartos e banheiros, a depender do número de prestadores de serviço e uma saída independente para a área externa do lote. Esse ambiente rapidamente é incorporado ao interior da casa, mas sempre localizado próximo às áreas de serviço, como a cozinha, que são cômodos mais desvalorizados ou tratados como os menos importantes dentro da morada. A partir da década de 1930, esses padrões passaram a ser reproduzidos nos apartamentos, embora em área reduzida, mas mantendo os resquícios da época colonial-imperial. Localizados próximos às áreas de serviço, os quartinhos de empregada muitas das vezes apresentavam condições piores que as das edículas, carecendo de ventilação e luz natural devido à ausência de janelas. A presença desse ambiente também era um indicativo do poder aquisitivo da família, pois o número de quartos de empregada indicaria quantos empregados domésticos estariam trabalhando simultaneamente na moradia (VIANA, 2016).Apartamento vendido na planta na cidade de Belo Horizonte com um quartinho de empregada na área de serviço.O quartinho atualmenteA partir também de 1930, surge o avanço da tecnologia dos equipamentos de cozinha, dos alimentos industrializados, os produtos de limpeza que facilitaram os serviços domésticos nas residências e acabam por diminuir a quantidade de prestadores de serviço dentro dos apartamentos e casas. Mesmo assim, o ambiente persiste nas residências construídas após este período. A regularização da profissão vem em 1972, com a Lei presidencial nº 5.859, e em 1988 são garantidos outros direitos, como o repouso semanal remunerado. Até então, era comum que os empregados domésticos dormissem durante toda semana em seus trabalhos e voltassem durante os finais de semana para seu lares. Havia casos, ainda, em que o empregado vinha de outro Estado em busca de oportunidades de emprego e acabava por morar integralmente na residência onde trabalhava. © José Afonso Junior, via projeto "Suitemaster e Quarto de Empregada"O tempo de deslocamento que tem como um de seus motivos a segregação econômica presente nos bairros das cidades (outra característica herdada dos tempos coloniais), onde existem bairros com a renda per capita altíssima e bairros pobres, acaba legitimando por parte dos patrões os "quartinhos de empregada", pois assim o funcionário não teria que passar horas se locomovendo para seu lar. Essa justificativa contribui para o aumento das horas de trabalho dos empregados domésticos, que não teriam uma jornada definida, trabalhando muitas horas à mais e em qualquer horário que fosse de necessário ao patrão. Em 2013, foi aprovada a proposta de Emenda Constitucional nº 478, que determinou o pagamento de horas extras e o registro dos funcionários que trabalham mais de 3 vezes por semana na residência. Em 2015, foi garantido também direito de adicional noturno.A combinação desses fatores resultou na diminuição desses profissionais, que passaram então a trabalhar como diaristas, ou seja, pagos pelo dia ou hora trabalhada. O quartinho, que ao longo da história passou por diversas mudanças, agora se encontra subutilizado, em sua grande maioria usado para guardar bagunças das residências contemporâneas (MORAIS, 2019). © José Afonso Junior, via projeto "Suitemaster e Quarto de Empregada"O "quartinho" presente nas Melhores Casas do ArchDailyCom todas as considerações anteriores, foi analisado o artigo As melhores casas de 2021 publicado no ArchDaily Brasil. O intuito é analisar quantas dessas casas continham o ambiente e de qual forma ele estava disposto nos projetos. Também é importante mostrar que mesmo casas premiadas denominadas como as "melhores do ano" trazem consigo esse ambiente que é carregado de significados do passado colonial brasileiro. Das 50 casas apresentadas no artigo (28 no Brasil e 22 em outros países), 12 continham o quartinho de empregada ou edícula. Destas, dez eram brasileiras e duas internacionais. Os ambientes foram encontrados em tamanhos e disposições variadas. A presença do ambiente é corriqueira nas casas de padrão alto, e aparece sempre ao lado de áreas de serviço, como cozinha e lavanderia, e com um tamanho pequeno em relação aos outros ambientes da casa. Foram analisadas cinco residências que continham o ambiente, quatro das quais no Brasil:Casa Maestro / AR Arquitetos (Brasil) Na Casa Maestro é possível verificar o quartinho próximo às áreas de serviço da casa, totalmente segregadas dos demais ambientes. Enquanto esse cômodo espreme-se tentando achar espaço entre a garagem e o corredor de acesso das áreas de serviço, demais ambientes esbanjam integração e metragem quadrada com pouquíssimos elementos que possam interromper sua fluidez. Curiosa é a comparação do tamanho do quartinho com o tapete apresentado na planta. Planta - Casa Maestro / AR ArquitetosCasa Maestro / AR Arquitetos. Foto: © Maira AcayabaCasa Montemor / Brasil Arquitetura (Brasil) Na residência projetada pelo Brasil Arquitetura, assim como no projeto anterior, o quartinho se encontra próximo às áreas de serviço da casa. É possível notar a tripartição burguesa na casa, com a área íntima, social e de serviço claramente definidas. Diferente do projeto anterior, este tem a cozinha separada da área social. Da mesma forma, o quartinho se mantém na área de serviço, "camuflado" atrás da cozinha, seu único acesso possível. Novamente, é importante destacar o tamanho deste ambiente em relação aos objetos decorativos da casa: o tapete da sala mais uma vez apresenta uma dimensão maior que a do quartinho.Planta - Casa Montemor / Brasil ArquiteturaCasa Montemor / Brasil Arquitetura. Foto: © Manuel SáCasa Colina / Bloco Arquitetos (Brasil) Na Casa Colina, do escritório brasiliense Bloco Arquitetos, também é possível notar uma separação dos ambientes por uso, mas agora eles se mesclam com a abertura de portas que acabam por integrar os ambientes, mudando-os. O quartinho de empregada se encontra novamente em posição desprivilegiada em relação aos outros ambientes. Seu acesso se dá pela garagem, dispensando passagem pelos ambientes mais nobres da casa. Novamente, o ambiente luta para encontrar espaço entre a garagem e a área de serviço.Planta - Casa Colina / Bloco ArquitetosCasa Colina / Bloco Arquitetos. Foto: © Haruo MikamiCasa JCA / Bernardes Arquitetura (Brasil)A Casa JCA, projetada pelo escritório de arquitetura Bernardes Arquitetura, se organiza em dois níveis, um deles chamado subsolo. E nele que se encontra o quartinho de empregada, junto às áreas de serviço e uma sala de cinema. Nesse caso, o ambiente está distante da cozinha, mas próximo à lavanderia e à garagem, com acesso pela área externa, quase que de maneira exclusiva. O programa principal da casa acontece no piso superior. Nesse projeto, a diferença de nível funciona como elemento segregador.Planta - Casa JCA / Bernardes ArquiteturaCasa JCA / Bernardes Arquitetura. Foto: © Leonardo FinottiResidência Ara Pytu / José Cubilla (Paraguai)É interessante notar que esse ambiente não aparece apenas no Brasil. No caso da residência Ara Pytu, o quartinho aparece próximo às áreas de serviço. O ambiente não tem acesso direto à casa, obrigando o prestador de serviço a passar pela lavanderia para conseguir acessar os outros ambientes. É importante destacar que o Paraguai também passou por intenso processo de colonização. Residência Ara Pytu / José Cubilla. Foto: © Luis AyalaPlanta - Residência Ara Pytu / José Cubilla. Foto: © Luis AyalaConclusãoO ambiente que passou por diversas modificações através dos séculos vem caindo em desuso em decorrência do surgimento de novas tecnologias importadas para dentro das casas e de leis trabalhistas que garantem prestadores de serviço condições mais justas de trabalho. Entretanto, por mais que se veja uma diminuição desse programa em projetos construídos nas últimas décadas, ainda é comum encontrá-lo em residências contemporâneas, principalmente em casas de alto padrão. Quase sempre em áreas desprivilegiadas, mas em arca e, por vezes, sem atender às normas de iluminação, ventilação e dimensões mínimas. O arquiteto e urbanista tem papel fundamental na disseminação desse ambiente — ou sua erradicação. É importante que profissionais e clientes compreendam o verdadeiro significado do "quartinho" e como ele pode afetar a vida de uma pessoa. Então, como arquitetos, devemos deixar de projetar casas que tenham esses ambientes? Após realizar este estudo, digo que sim. Trata-se de uma questão ética e racial materializada em um cômodo que está diretamente ligado a um passado colonial e segregador. Como profissionais e agentes diretos de mudanças sociais, devemos colocar questões como estas sempre à frente de pressões e tendências do mercado. © José Afonso Junior, via projeto "Suitemaster e Quarto de Empregada"Bibliografia-DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Dados atualizados do IBGE - FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro, 1933. - MELLO, Bruno César Euphrasio.E O NEGRO NA AROQUITETURA BRASILEIRA? ". In: Arqtextos, São Paulo, ano 13, n. 145.01, Vitruvius, jun. 2012. - MORAIS, Fernando de Oliveira; OS QUARTOS DE EMPREGADA NOS APARTAMENTOS MODERNISTAS NA ORLA DA - CIDADE DE JOÃO PESSOA (PB). 2019 - MOREIRA, Susanna. AS MELHORES CASAS DE 2021. In: ArchDaily - SANTOS, Suellen Dayse Versiani. A CASA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E SEUS DESDOBRAMENTOS NA PRODUÇÃO RESIDENCIAL. 2011 - TIEGHI, Ana Luiza; GAVRAS Douglas. Quarto de serviço resiste nos imóveis de luxo, mas tem dias contados. 2022. - VIANA, Maria Boratto Xavier; TREVISAN, Ricardo. O "QUARTINHO DE EMPREGADA" E SEU LUGAR NA MORADA BRASILEIRA. Porto Alegre, 2016.* Este artigo foi produzido por Erik Batista, aluno de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília para a disciplina Arquitetura e Urbanismo da Atualidade, ministrada pelo arquiteto, pesquisador e professor Paulo Tavares, quarto de empregada, modernização, Belém (PA), arquitetura moderna, racismo Este artigo aborda a permanência do quarto de empregada nas casas brasileiras. Para isto, adota-se como base conceitual o pensamento crítico contra a perspectiva hegemônica, que revela a naturalização de comportamentos sociais em prol das classes dominantes. Selecionou-se o recorte temporal entre 1948 e 1960, no contexto de modernização de Belém (PA), quando houve uma produção de residências modernas na cidade. Sobre este mesmo período, foram realizadas uma pesquisa documental no jornal local A Folha do Norte e uma análise programática de projetos arquitetônicos residenciais de arquitetura moderna. Plantas originais de três casas projetadas pelo engenheiro e arquiteto Camillo Porto de Oliveira e plantas de apartamentos-tipo de alguns dos edifícios habitacionais em altura mais relevantes neste contexto foram as bases do estudo. A análise revelou três pontos importantes: a forte demanda de mão de obra para tarefas domésticas; a recorrência da presença do quarto de empregada nas residências analisadas; a adaptação deste ambiente a novos modos de vida, como a moradia em altura. A discussão aponta que mesmo diante do pressuposto de inovação - ao qual apontava a arquitetura moderna - e das adaptações do modo de morar, a arquitetura continuava a limitar o lugar da mulher negra e pobre dentro dos lares brasileiros. Faz-se necessário aprofundar o olhar sobre esse tema em discussões historiográficas da arquitetura, com a perspectiva de construir narrativas contra hegemônicas. Mestre em Arquitetura e Urbanismo. FAU/PPGAU - UFPA. Doutora em Teoria e História da Arquitetura, FAU/PPGAU - UFPA. ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA. 2019. ALC NTARA, João Victor; CHAVES, Celma. O Edifício Piedade do engenheiro Judah Levy em Belém: modernidade, cultura técnica e sociedade. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO NORTE E NORDESTE, 9°. São Luís, 2022. CARRANZA, Edite Galote. O quartinho de empregada e a tradição. 5ª Arquitetura+Arte, p. 17-17, 2005. CHAVES, Celma. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. Revista Risco, São Paulo, n. 4, p.145-163, fev. 2008. Disponível em: Acesso em: 29 jun. 2022. CHAVES, Celma. Belém e os sentidos da modernidade na Amazônia. Revista Amazônia Moderna, Palmas, v. 1, n. 1, p. 26-43, abr. 2017. DIAS, Rebeca; CHAVES, Celma. A construção da historiografia da arquitetura moderna na Amazônia: estudo da arquitetura residencial em Belém. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO AROQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO, 4º. Artigo. Belo Horizonte, 2015. GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MELO MIRANDA, Wander. Narrativas da modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 55-80. GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere - Maguiavel. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b. 428 p. v. 3 MACHADO, Izabelle. A mulher e a cultura arquitetônica na modernização de Belém: discursos e práticas entre 1950-1970. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU-UFPA. Belém. 2021. 141 f. Disponível em: MONTIEL, Aimée Vega. Por la visibilidad de las amas de casa: rompiendo la invisibilidad del trabajo doméstico. Política y cultura, n. 28, p. 181-200, 2007. PEREIRA, Bergman de Paula. De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o" lugar" das mulheres negras no pós-abolição. ANPUH - XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. São Paulo, 2011. RAMOS, Marcelo Henrique Bezerra. Racismo e supremacia como forma de hegemonia: diálogos entre Gramsci e a crítica da questão racial em uma perspectiva histórica. ANPUH - XXX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Recife. 2019. RARA, Preta. Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019. RIBEIRO, Rebeca Ferreira. Arquitetura moderna e modernização em Belém: um estudo do Edifício Manuel Pinto da Silva. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU-UFPA. Belém. 2019. 150 f. STEVENS, Garry. O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica. UNB, 2003. VIANA, Maira Boratto Xavier; TREVISAN, Ricardo. O "quartinho de empregada" e seu lugar na morada brasileira. IV ENANPARO - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM AROQUITETURA E URBANISMO, 2016. DOSSIE - Modernidades, identidades e gêneros Copyright (c) 2023 Izabelle Machado, Celma Chaves Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License. A Revista Docomomo Brasil não se responsabiliza por conceitos e opiniões emitidos por seus autores. A submissão espontânea de qualquer artigo à Revista implica automaticamente na cessão integral dos direitos autorais do artigo ao Docomomo Brasil (Seção Brasileira do Comitê Internacional para a Documentação e Conservação de Edifícios, Sítios e Conjuntos do Movimento Moderno). Os autores são incentivados a distribuírem livremente os artigos aprovados e criarem links para os artigos em suas páginas pessoais, e repositórios institucionais de divulgação científica, seguindo os critérios do Creative Commons Attribute Licence 3.0, que permite o uso e citação gratuita do trabalho, mediante a clara identificação dos autores e dos dados da publicação. Os dados pessoais informados ao periódico serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros. © José Afonso Junior, via projeto "Suitemaster e Quarto de Empregada"O cômodo feito para os trabalhadores "descansarem", como é dito no discurso atual em que se tenta camuflar a origem e o significado do conhecido "quarto de serviço", "quartinho de empregada" ou "quartinho da baguena" que normalmente é encontrado próximo a áreas de trabalho da morada contemporânea, tem um significado histórico, cultural, social e econômico dentro do contexto atual que pouco é questionado.Se traçarmos uma linha do tempo deste ambiente chegaremos à sua primeira materialização no Brasil na época da colônia e império — as chamadas senzalas, que nada mais eram o complemento da casa-grande local onde viviam os proprietários dos grandes latifundiários da época. A senzala funcionava como ambiente para "abrigar" os escravos que serviam à casa-grande, e esse ambiente quase sempre se encontrava segregado de alguma forma, seja na parte externa da casa ou em seu porão, com condições de construção, conforto, acabamentos e salubridade inferiores ao da casa-grande. Assim era delimitada essa relação de patrão e servidor que se prolonga até os tempos atuais. Na ilustração de Cícero Dias do Engenho Noruega, localizado em Pernambuco, é possível notar a segregação da senzala (à direita) em relação à casa-grande (à esquerda): esta, por aspectos dimensionais e qualidade construtiva, se mostra hierarquicamente superior:Capa do livro "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre. Ilustração de Cícero Dias. Usado sob termos de "Fair Use"Após a abolição da escravatura e o declínio da monarquia instaurada no Brasil, as cidades começam a crescer exponencialmente e as tecnologias sanitárias a evoluir. As casas-grandes dos engenhos começam a dar lugar às mansões e casarões urbanos naquelas que se tornaram as grandes cidades brasileiras. A senzala deixa de existir e dá lugar à edícula, localizada no fundo do lote, que tinha como finalidade abrigar os prestadores de serviços doméstico, mas que ainda era enraizada nas lógicas segregacionais das casas-grandes dos engenhos.Geralmente a edícula tinha quartos e banheiros, a depender do número de prestadores de serviço e uma saída independente para a área externa do lote. Esse ambiente rapidamente é incorporado ao interior da casa, mas sempre localizado próximo às áreas de serviço, como a cozinha, que são cômodos mais desvalorizados ou tratados como os menos importantes dentro da morada. A partir da década de 1930, esses padrões passaram a ser reproduzidos nos apartamentos, embora em área reduzida, mas mantendo os resquícios da época colonial-imperial. Localizados próximos às áreas de serviço, os quartinhos de empregada muitas das vezes apresentavam condições piores que as das edículas, carecendo de ventilação e luz natural devido à ausência de janelas. A presença desse ambiente também era um indicativo do poder aquisitivo da família, pois o número de quartos de empregada indicaria quantos empregados domésticos estariam trabalhando simultaneamente na moradia (VIANA, 2016).Apartamento vendido na planta na cidade de Belo Horizonte com um quartinho de empregada na área de serviço.O quartinho atualmenteA partir também de 1930, surge o avanço da tecnologia dos equipamentos de cozinha, dos alimentos industrializados e os produtos de limpeza que facilitaram os serviços domésticos nas residências e acabam por diminuir a quantidade de prestadores de serviço dentro dos apartamentos e casas. Mesmo assim, o ambiente persiste nas residências construídas após este período. A regularização da profissão vem em 1972, com a Lei presidencial nº 5.859, e em 1988 são garantidos outros direitos, como o repouso semanal remunerado. Até então, era comum que os empregados domésticos dormissem durante toda semana em seus trabalhos e voltassem durante os finais de semana para seu lares. Havia casos, ainda, em que o empregado vinha de outro Estado em busca de oportunidades de emprego e acabava por morar integralmente na residência onde trabalhava. © José Afonso Junior, via projeto "Suitemaster e Quarto de Empregada"O tempo de deslocamento que tem como um de seus motivos a segregação econômica presente nos bairros das cidades (outra característica herdada dos tempos coloniais), onde existem bairros com a renda per capita altíssima e bairros pobres, acaba legitimando por parte dos patrões os "quartinhos de empregada", pois assim o funcionário não teria que passar horas se locomovendo para seu lar. Essa justificativa contribui para o aumento das horas de trabalho dos empregados domésticos, que não teriam uma jornada definida, trabalhando muitas horas a mais e em qualquer horário que fosse de necessário ao patrão. Em 2013, foi aprovada a proposta de Emenda Constitucional nº 478, que determinou o pagamento de horas extras e o registro dos funcionários que trabalham mais de 3 vezes por semana na residência. Em 2015, foi garantido também direito de adicional noturno.A combinação desses fatores resultou na diminuição desses profissionais, que passaram então a trabalhar como diaristas, ou seja, pagos pelo dia ou hora trabalhada. O quartinho, que ao longo da história passou por diversas mudanças, agora se encontra subutilizado, em sua grande maioria usado para guardar bagunças das residências contemporâneas (MORAIS, 2019). © José Afonso Junior, via projeto "Suitemaster e Quarto de Empregada"O "quartinho" presente nas Melhores Casas do ArchDailyCom todas as considerações anteriores, foi analisado o artigo As melhores casas de 2021 publicado no ArchDaily Brasil. O intuito é analisar quantas dessas casas continham o ambiente e de qual forma ele estava disposto nos projetos. Também é importante mostrar que mesmo casas premiadas denominadas como as "melhores do ano" trazem consigo esse ambiente que é carregado de significados do passado colonial brasileiro. Das 50 casas apresentadas no artigo (28 no Brasil e 22 em outros países), 12 continham o quartinho de empregada ou edícula. Destas, dez eram brasileiras e duas internacionais. Os ambientes foram encontrados em tamanhos e disposições variadas. A presença do ambiente é corriqueira nas casas de padrão alto, e aparece sempre ao lado de áreas de serviço, como cozinha e lavanderia, e com um tamanho pequeno em relação aos outros ambientes da casa. Foram analisadas cinco residências que continham o ambiente, quatro das quais no Brasil:Casa Maestro / AR Arquitetos (Brasil) Na Casa Maestro é possível verificar o quartinho próximo às áreas de serviço da casa. É possível notar a tripartição burguesa na casa, com a área íntima, social e de serviço claramente definidas. Diferente do projeto anterior, este tem a cozinha separada da área social. Da mesma forma, o quartinho se mantém na área de serviço, "camuflado" atrás da cozinha, seu único acesso possível. Novamente, é importante destacar o tamanho deste ambiente em relação aos objetos decorativos da casa: o tapete da sala mais uma vez apresenta uma dimensão maior que a do quartinho.Planta - Casa Montemor / Brasil ArquiteturaCasa Montemor / Brasil Arquitetura. Foto: © Manuel SáCasa Colina / Bloco Arquitetos (Brasil) Na Casa Colina, do escritório brasiliense Bloco Arquitetos, também é possível notar uma separação dos ambientes por uso, mas agora eles se mesclam com a abertura de portas que acabam por integrar os ambientes, mudando-os. O quartinho de empregada se encontra novamente em posição desprivilegiada em relação aos outros ambientes. Seu acesso se dá pela garagem, dispensando passagem pelos ambientes mais nobres da casa. Novamente, o ambiente luta para encontrar espaço entre a garagem e a área de serviço.Planta - Casa Colina / Bloco ArquitetosCasa Colina / Bloco Arquitetos. Foto: © Haruo MikamiCasa JCA / Bernardes Arquitetura (Brasil)A Casa JCA, projetada pelo escritório de arquitetura Bernardes Arquitetura, se organiza em dois níveis, um deles chamado subsolo. E nele que se encontra o quartinho de empregada, junto às áreas de serviço e uma sala de cinema. Nesse caso, o ambiente está distante da cozinha, mas próximo à lavanderia e à garagem, com acesso pela área externa, quase que de maneira exclusiva. O programa principal da casa acontece no piso superior. Nesse projeto, a diferença de nível funciona como elemento segregador.Planta - Casa JCA / Bernardes ArquiteturaCasa JCA / Bernardes Arquitetura. Foto: © Leonardo FinottiResidência Ara Pytu / José Cubilla. Foto: © Luis AyalaPlanta - Residência Ara Pytu / José Cubilla. Foto: © Luis AyalaConclusãoO ambiente que passou por diversas modificações através dos séculos vem caindo em desuso em decorrência do surgimento de novas tecnologias importadas para dentro das casas e de leis trabalhistas que garantem aos prestadores de serviço condições mais justas de trabalho. Entretanto, por mais que se veja uma diminuição desse programa em projetos construídos nas últimas décadas, ainda é comum encontrá-lo em residências contemporâneas, principalmente em casas de alto padrão. Quase sempre em áreas desprivilegiadas da casa e, por vezes, sem atender às normas de iluminação, ventilação e dimensões mínimas. O arquiteto e urbanista tem papel fundamental na disseminação desse ambiente — ou sua erradicação. É importante que profissionais e clientes compreendam o verdadeiro significado do "quartinho" e como ele pode afetar a vida de uma pessoa. Então, como arquitetos, devemos deixar de projetar casas que tenham esses ambientes? Após realizar este estudo, digo que sim. Trata-se de uma questão ética e racial materializada em um cômodo que está diretamente ligado a um passado colonial e segregador. Como profissionais e agentes diretos de mudanças sociais, devemos colocar questões como estas sempre à frente de pressões e tendências do mercado. © José Afonso Junior, via projeto "Suitemaster e Quarto de Empregada"Bibliografia-DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Dados atualizados do IBGE - FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro, 1933. - MELLO, Bruno César Euphrasio.E O NEGRO NA AROQUITETURA BRASILEIRA? ". In: Arqtextos, São Paulo, ano 13, n. 145.01, Vitruvius, jun. 2012. - MORAIS, Fernando de Oliveira; OS QUARTOS DE EMPREGADA NOS APARTAMENTOS MODERNISTAS NA ORLA DA - CIDADE DE JOÃO PESSOA (PB). 2019 - MOREIRA, Susanna. AS MELHORES CASAS DE 2021. In: ArchDaily - SANTOS, Suellen Dayse Versiani. A CASA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E SEUS DESDOBRAMENTOS NA PRODUÇÃO RESIDENCIAL. 2011 - TIEGHI, Ana Luiza; GAVRAS Douglas. Quarto de serviço resiste nos imóveis de luxo, mas tem dias contados. 2022. - VIANA, Maria Boratto Xavier; TREVISAN, Ricardo. O "QUARTINHO DE EMPREGADA" E SEU LUGAR NA MORADA BRASILEIRA. Porto Alegre, 2016.* Este artigo foi produzido por Erik Batista, aluno de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília para a disciplina Arquitetura e Urbanismo da Atualidade, ministrada pelo arquiteto, pesquisador e professor Paulo Tavares.

- chrome vanádio. 8mm a 32mm
- curizusu
- https://preciseenergygroup.com/media/99665184466.pdf
- loja de umbanda próximo a mim
- https://airnettravels.com/ckfinder/userfiles/files/74294265884.pdf
- http://streethantaxi.com/survey/userfiles/files/c6897fb6-bb78-4302-84d3-e4c2f1fd36e.pdf
- hikolu
- decreto milleproroghe 2025
- poymio
- https://gobrd.ru/userfiles/file/23830748682.pdf
- huruywo
- zusomasa